

SANTO ANTÓNIO NA REGIÃO DE PORTALEGRE

por Ruy Ventura

1. Santo António: vida, legenda, iconografia e devoções

Não se conhece a data certa do nascimento de Fernando Martins de Bulhões. Sabe-se que veio ao mundo em Lisboa no último quartel do século XII, em 1188 ou 1190, embora a tradição diga que nasceu a 15 de Agosto de 1195. Oriundo de uma família nobre, estudou na escola da catedral olissiponense (próxima da casa onde terá nascido), tendo ingressado com 18/20 anos na congregação dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, instalados no mosteiro de São Vicente de Fora. Em 1211/1212 transferiu-se para o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, da mesma ordem, onde aprofundou os seus estudos e foi ordenado sacerdote, aí tendo escrito ou preparado a sua obra mais importante, os *Sermones Dominicales*.

O contacto inicial de Fernando com os frades menores terá ocorrido em 1218, data em que alguns discípulos de Francisco de Assis chegaram pela primeira vez à cidade do Mondego, instalando-se no eremitério de Santo Antão do Deserto, nos Olivais. Terá sido nessa altura que privou com cinco franciscanos (Berardo, Pedro, Acúrsio, Adjuto e Otão) que partiam para uma missão em Marrocos, aqueles que acabariam martirizados por ordem do rei Miramolim em Janeiro de 1220. O passo seguinte, decisivo, da sua vida é narrado por frei Henrique Pinto Rema:

“[...] *A colónia portuguesa que actuava por aquelas bandas do norte de África e tinha à frente o Príncipe D. Pedro, irmão do rei de Portugal D. Afonso II, viveu a tragédia e o heroísmo religioso daqueles confessores da fé e conseguiu fazer transportar para Santa Cruz de Coimbra os seus restos mortais. [...] § Fernando, que parece ter-se encantado com o viver simples e alegre dos exemplares discípulos de Francisco de Assis que se tinham vindo fixar nos // arrabaldes de Coimbra, experimenta uma atracção avassaladora pela nova Ordem ao tomar conhecimento do martírio dos cinco frades menores que meses antes vira e contactara, porventura, em Coimbra. Dispõe-se a mudar de hábito e de nome e a transferir-se para os humildes penitentes de Assis se se comprometerem a mandá-lo para a Missão de Marrocos. Aceite o compromisso, o jovem sacerdote despe a cogula de Regrante e veste a estamenha de Frade Menor, assumindo então o nome do padroeiro do ermitério dos Olivais, Sanctus Antonius (que traduzimos por Santo Antão).*” (Rema, 1996: 57 – 58).

A restante vida de frei António resume-se nas palavras de um dos maiores estudiosos da sua vida, Francisco da Gama Caeiro:

“[...] *dirige-se para Marrocos em missão apostólica com seus irmãos de hábito: com esta partida para o Norte de África se encerra o // ciclo português do Santo. Daí em diante, passa pela Sicília (1221), em fins de Maio assiste a um Capítulo Geral [...] em Assis, onde terá conhecido o fundador da Ordem, São Francisco; em Forlì (1222) revela-se como extraordinário pregador, iniciando desde então intenso apostolado pela pregação¹. Por 1228, ou 1229, ocupa-se dos Sermones Dominicales [...]. Em Pádua terá redigido (Outono-Inverno de 1231), em parte ou no todo, o texto Sermones Festivi, deixados inconclusos. Doente, retira-se ao ermitério de Camposampiero, cerca de Pádua, em fins de Maio de 1231.*

¹ Louis Réau acrescenta: “[...] *Procurou o martírio em Marrocos, onde cinco Franciscanos acabavam de ser massacrados; mas, abatido por uma febre, foi forçado a reembarcar. Uma tempestade atirou-o para as costas da Sicília e, de lá, dirigiu-se a Assis, berço da sua Ordem. § A partir desse momento, dedicou-se à pregação. Depois de ter ensinado teologia em Bolonha, percorreu o sul e o centro de França, pregando em Arles, Montpellier, Puy, Limoges e Bourges.*” (Réau, 1959: 115). (Estas e outras traduções que surjam serão da minha responsabilidade).

A 13 de Junho morre em Arcela, também perto de Pádua. Com invulgar brevidade, a 30 de Maio de 1232, foi canonizado por Gregório IX, em Espoleto.” (Caeiro, 1996: 51 – 52)

Num resumo muito breve, são estes os dados biográficos do bem-aventurado lisboeta, proclamado “*Doutor da Igreja*” já no século XX pelo papa Pio XII.

Segundo Louis Réau, ao longo do século XIII, a figura de Santo António de Lisboa ou de Pádua ficou na sombra de São Francisco de Assis; só no século XV a sua lenda se estruturou e espalhou, graças aos sermões do franciscano São Bernardino de Siena. Do mesmo modo, até essa altura “*o culto de Santo António permaneceu localizado em Pádua, que lhe elevou uma magnífica basílica com cúpulas, denominada Il Santo, O Santo por excelência. É somente a partir do século seguinte que ele se torna em primeiro lugar o santo nacional dos Portugueses [...] e depois um santo universal*” (Réau, 1959: 117).

Na opinião do mesmo especialista em iconografia cristã, a legenda dos seus milagres é, em parte, decalcada da narrativa de alguns prodígios atribuídos ao fundador da Ordem dos Frades Menores ou do relato de milagres de outros santos (cf. Réau, 1959: 115 – 117). A lista é, contudo, tão extensa que, embora encontremos muitos e interessantes paralelos, nem sempre é fácil distinguir a ficção da realidade.

Na esmagadora maioria das suas representações, Santo António surge vestido com o hábito de franciscano, atado à cintura com uma corda com três nós simbólicos (pobreza, obediência e castidade), excepto nas raras esculturas e pinturas em que surge como cônego regrante de Santo Agostinho e nas muito mais frequentes representações do “*milagre da mula*”, em que costuma aparecer com paramentos sacerdotais. Em geral, surge alto e magro (o que contraria, segundo os estudiosos, as descrições fidedignas da sua figura, baixa e atarracada), sem barba e tonsurado.

As suas imagens mais antigas surgem, muitas vezes, sem atributos. A sua iconografia conheceu, contudo, uma grande variedade de símbolos. Entre eles, destacam-se: *as chamas* saindo da sua mão, numa alusão ao nome que adoptou, pois são atributo de Santo Antão abade; *o coração inflamado*, vindo de Santo Agostinho, patrono da sua primeira ordem; *o ramo de lírio*, símbolo da sua pureza, “copiado” de São Bernardino (e que só surge a partir de 1450); *o Menino Jesus*, muitíssimo frequente, que só surge depois do século XVI, sobretudo a partir da Contra-Reforma tridentina; *o crucifixo*, florido ou não; *os peixes* escutando a sua pregação; e a *mula*, ajoelhada frente a uma custódia com a hóstia consagrada (cf. Réau, 1959: 118).

Nalgumas esculturas antigas, escassas, surge ainda com o *bordão de peregrino* (segundo uma tradição portuguesa, peregrinou a Compostela) ou com o *bordão de Santo Antão* (com a forma de um tau); deste santo eremita, segundo Paulo Pereira, recebeu ainda a *lâmpada* e o *demónio*. O mesmo historiador lembra ainda o *livro*, possível representação do seu papel como teólogo, e a *custódia*, que se refere ao milagre eucarístico. O *Menino Jesus* sobre o *livro* “*refere-se à presença inspiradora de Cristo menino como mestre de teologia*” (cf. Pereira, 2005: 122 – 123). Esta última representação, embora se refira a um milagre contado na sua legenda, quase que o equipara à Virgem Maria ou a São José. Acaba por transformá-lo num santo cristóforo, ou seja, num “*transportador de Cristo*”, tal como São Cristóvão ou, mais tarde, São Estanislau Kostka e Santa Rosa de Lima.

As múltiplas faces deste herói poliédrico do cristianismo deram origem, como se vê, a uma iconografia multimoda – estruturada e aumentada, sobretudo, em função de uma multiplicidade de lendas e de devoções populares que foi suscitando do século XIII à actualidade. Completo a lista de atributos com o *pão*, que surge em muitas das suas imagens, relacionado com a devoção ao “*pão de Santo António*”, recente (cf. Réau, 1959: 117), mas, ainda assim, já existente em meados do século XVI.

Se os seus atributos são variados, não são em menor número as valências taumátúrgicas ou protectoras que se atribuem ao “*santo de todo o mundo*”. Como refere o autor de *Iconographie de l' Art Chrétien*, é sobretudo invocado quando há necessidade de

encontrar objectos perdidos. Os poderes de Santo António de Lisboa não ficam, todavia, por aí. Na sua recolha, Réau deparou-se com outras capacidades: a protecção dos louceiros (em Nevers, França); a libertação dos prisioneiros; a salvação dos náufragos. O mesmo estudioso afirma que os “*marinheiros portugueses o invocavam para terem bom vento nas suas velas. Para que tal fosse assegurado, atavam a sua imagem ao mastro do navio até que a sua oração tivesse sucesso*” (Réau, 1959: 117). O sociólogo Moisés Espírito Santo – encontrando fundamentos de muitas peculiaridades do seu culto popular, dissociadas da sua figura histórica – lembra, além do santo que encontra as coisas perdidas, a personagem “*traquinas*” e malandra, casamenteira, que recebe os “*favores das raparigas*”. Apresentando-o como herdeiro do deus pagão Hermes, “*Santo António é simultaneamente protector dos comerciantes e dos ladrões*” (Espírito Santo, 1988: 181). Esta será, sobretudo, a figura que as populações citadinas invocam.

Nos meios rurais, nomeadamente naqueles ligados à pastorícia e à criação de gado, a sua imagem tem poucos pontos de contacto com a que se apresentou. Aí, o frade franciscano herdou em grande parte as capacidades do santo que homenageou quando mudou de nome e, além disso, algumas particularidades ligadas à sua veneração: “[...] *embora se represente como o lisboeta, não é de facto o mesmo, mas Santo Antão do Deserto, venerado nos montes e protector do gado. Cultua-se em capelas retiradas dos povoados, antigos locais de culto pastoris, como São Mamede. [...]*” (Espírito Santo, 1988: 182). Paulo Pereira apresenta uma leitura interessante desse facto: “[...] *esta aparente ‘confusão’ de nomes corresponde, até certo ponto, à figuração do Velho e do Novo, sendo Santo Antão um santo eremita envelhecido e barbado, enquanto Santo António se apresenta jovem e imberbe*” (Pereira, 2005: 122).

Não se pode, ainda, esquecer que Santo António de Lisboa é também um santo protector dos militares. Assim se apresenta, por exemplo, na sua igreja magnífica de Lagos, onde exhibe uma faixa vermelha, como São Sebastião (o soldado de Cristo, por excelência).

Como refere Maria Cândida Pacheco, a figura milagreira e polifacetada criada nos meios populares “*como que ocultou a sua estatura de pensador, de teólogo e de místico*” (cit. in Morujo, 1999: 89). Se os seus sermões, altos e incisivos como poucos, são praticamente desconhecidos, em compensação, temo-lo como protector e advogado quase universal, “*companheiro de festas e folguedos, curador de dores e sofrimentos, de penas e cansaços*”, pois “*a relação dos crentes com Santo António passa por momentos e episódios tão diferentes como a doença, os objectos perdidos, a morte, o desporto, a vida militar, o nascimento, a vida religiosa, a festa ou o casamento*” (Morujo, 1999: 88 – 89).

Haverá razões objectivas para este fenómeno. E nem todas serão do domínio meramente psicológico, tendo de ser explicadas em função do cruzamento de dados provenientes da teologia, da sociologia das religiões e da antropologia.

2. Santo António em Castelo de Vide, Marvão e Portalegre

Data dos últimos anos do século XIX a consagração de Santo António de Lisboa como padroeiro principal da cidade de Portalegre e da sua diocese. Segundo documentos publicados pelo cónego Anacleto Pires da Silva Martins (cf. Martins, 2008: 92 – 94), a iniciativa foi motivada pelas comemorações do sétimo centenário do nascimento do franciscano lisboeta. Numa reunião do cabido da sé, ocorrida a 26 de Abril de 1895, um dos presentes resolveu lembrar uma carta régia, emitida a 5 de Dezembro de 1644, na qual D. João IV recomendava aos cónegos da cidade que tomassem “*por Padroeiro desse bispado ao glorioso Santo António [...] a quem tão justamente devemos toda a demonstração de devoção, em reconhecimento dos grandes favores e mercês*”. A proposta do monarca ficara no esquecimento durante duzentos e cinquenta anos. Era altura de lhe dar cumprimento – e assim

aprovaram os clérigos reunidos em capítulo², passando o processo para as mãos do bispo D. Gaudêncio José Pereira³. Votada secretamente a proposta entre o clero e os fiéis, a mesma foi aprovada por unanimidade, o que conduziu a um pedido formal de confirmação junto da Santa Sé e da Coroa. Um breve do papa Leão XIII, dado em Roma a 11 de Maio de 1896, a que se associaram as autoridades do país por portaria de 13 de Outubro do mesmo ano, fecharam e coroaram de êxito as diligências. A decisão foi comunicada pelo prelado aos seus diocesanos em portaria de 14 de Outubro de 1896: “*assim o promulgamos para os efeitos litúrgicos, e para que todos os fiéis d’ este bispado, encontrando n’ este acto de benignidade ao augusto Pontífice um poderoso estímulo, nutram cada vez mais em seus corações os affectos de piedade e devoção para com tão ínclito Padroeiro*”.

Não se pode dizer que este acto oficial tenha consagrado *de jure* uma realidade já sentida *de facto*. Sendo um dos heróis do cristianismo a que as populações da Serra de São Mamede mais devoção manifestam, nunca foi sentido como padroeiro nem da cidade nem da região. Basta dizer que, apesar dos festejos de que é alvo e da sua presença em quase todas as igrejas da região, Santo António de Lisboa é titular de apenas uma paróquia nos concelhos de Castelo de Vide, Marvão e Portalegre e orago de poucas ermidas. É, sem dúvida, um quadro paradoxal. Parece que só em finais do século XIX a hierarquia religiosa se lembrou dele... Salvo raras excepções, até aí terá sido somente um santo “do povo”? Sabe-se que é frequente o padroeiro das igrejas não corresponder ao santo mais venerado entre os fiéis. Basta dizer que só há muito poucos anos se construiu na cidade um templo consagrado ao frade lisboeta, a partir de um belo projecto do arquitecto portalegrense João Luís Carrilho da Graça. Desde a extinção das ordens religiosas que não existia qualquer edifício de que fosse orago, pois em 1834 se fechara e profanara a igreja do convento dos frades capuchos, dedicada a António e ainda assim bem longe do centro de Portalegre.

E, no entanto, Santo António de Lisboa é uma presença constante nas devoções dos habitantes dos três concelhos da Serra de São Mamede, mesmo daqueles que não se reivindicam como “católicos praticantes”. É uma figura que encontramos nas igrejas, nas ermidas, nas capelas, nas casas de muita gente, discreta ou evidente. Surge nas palavras, nos sentimentos e nos objectos artísticos que, ao longo dalguns séculos, foram expressando, materializando e integrando uma espiritualidade complexa e multifacetada.

Confrontam-se, aqui, duas vivências da mesma personalidade marcante do cristianismo medieval. De um lado, a prática institucional de veneração do frade menor falecido em Pádua. Do outro, a devoção popular a uma figura poliédrica e multifacetada, que a tradição e as tradições foram enriquecendo e distinguindo. Não são necessariamente opostas, mas complementares – e nem sempre a distinção se patenteia, excepto em estudos científicos que, como se exige, têm de possuir um olhar mais rigoroso sobre os fenómenos observáveis e os documentos (cf. Moreira, 1999: 365).

2.1 Património imaterial

Em boa parte das localidades integradas nos concelhos de Castelo de Vide, Marvão e Castelo de Vide, Santo António é venerado como protector dos gados.

² Assim reza a acta transcrita pelo cónego Martins: “[...] achando-se reunidos em Cabido, os rev.mos capitulares abaixo assignados, o rev.mo cónego Ressurreição suscitou a lembrança de se eger para padroeiro d’ esta diocese de Portalegre, ao glorioso taumaturgo portuguez Sancto António de Lisboa, associando-nos assim ao geral entusiasmo e piedoso enlevo com que a Nação portuguesa ia em breve celebrar o septimo centenário do mesmo Sancto; e além disso, porque El-Rei, o Snr. D. João IV, em Carta Régia, havia recomendado ao rev.mo Cabido d’ então este mesmo pensamento. Approvada gostosamente esta proposta se officiou a S. Ex. Rev.ma o nosso Prelado, a fim de se proceder canonicamente na conformidade da Bula do Papa Urbano VIII, de 23 de Março de 1630, para Sancto António de Lisboa ser declarado Padroeiro d’ esta diocese” (Martins, 2008: 93).

³ Bispo de Portalegre entre 1888 e 1908.

Na aldeia de Carreiras, por exemplo, onde já na segunda metade do século XVI existia um altar dedicado ao frade na sua igreja matriz de São Sebastião, até à década de 1960 faziam-se “*promessas de leite*” ao santo lisboeta. Nunca teve festa própria, mas quando alguém tinha animais doentes – sobretudo se se tratava de vacas, cabras ou ovelhas – prometia-lhe uma quantidade significativa de leite caso o ser fosse curado da sua maleita. Entregue o combinado, o líquido era leiloado ou vendido e o lucro da promessa revertia a favor da paróquia. Também era costume, no dia 13 de Junho, as crianças e os adolescentes andarem de monte em monte a pedirem leite para as suas famílias⁴.

Já na Escusa, localidade pertencente à freguesia de São Salvador da Aramenha, a curta distância da supracitada, os rituais eram outros. Apesar de a sua igreja ter como orago Nossa Senhora da Esperança, é ao franciscano que é dedicada a festa anual, realizada ainda hoje no primeiro fim de semana de Setembro. Entre essas práticas ancestrais, contava-se uma que aponta para o mesmo tipo de protecção, neste caso do gado suíno. Conta Maria de Fátima Salgueiro:

“[...] durante todo o ano, as pessoas faziam promessas ao Santo que eram geralmente em géneros, para, mediante leilão, serem convertidos em dinheiro para a festa. A promessa mais vulgar era a oferta de um lacão, se o porco destinado à matança não morresse⁵. Sempre, em cada ano, vi a IM escolher o melhor lacão, ter especial atenção na sua preparação e dizer: § Este é o lacão do Santo António, (ficava-se a saber que não se lhe tocava). § O lacão era uma perna de porco curada no fumeiro, depois de ter passado durante alguns dias por uma salga. No final, era lavado, raspado, enxuto e a parte cortada barrada com pimentão. Depois de bem seco e até ser oferecido, era guardado em talhas de barro [...]. § Por causa das promessas, juntavam-se muitos lacões [...]” (Salgueiro, 2011: 61).

Tal como acontece um pouco por toda a parte, também nesta parcela do Alto Alentejo a devoção a Santo António de Lisboa não se centra apenas numa única capacidade. Para muitos crentes da região, o frade é ainda um protector das almas, em vida e depois da morte – valência pouco comum. Chega a surgir com esse papel em “*alminhas*”, ao lado de São Miguel Arcanjo e de Nossa Senhora da Conceição – como se pode ver num painel exposto na Casa-Museu José Régio⁶. Esse testemunho é confirmado por outros textos recolhidos na zona. Alberto Pimentel, que foi administrador do concelho de Portalegre em 1878, regista num livro seu duas quadras que ouviu cantar na cidade numa noite de 12 de Junho (Pimentel, s/d): “*Ó meu padre Santo António, / Aqui vos venho pedir / Salvação p’r’as nossas almas, / Graça para vos servir.*” e “*Santo António é bom santo, / Que livrou seu pai da morte; / Livrai-nos a nós, meu santo, / Desta tentação tão forte.*”

Na Escusa, um hino antigo muito significativo, caído em desuso depois de uma vaga de seminaristas da localidade ter ensinado outros aos seus conterrâneos na década de 1940, era cantado nas missas da festividade: “*António Santo, de Jesus querido, / Valba-me sempre o vosso patrocínio / António Santo, da alma alegria, / Com Jesus me assisti no último dia. / Valba-me António, na final agonia / Para que em paz acabe a milícia da vida.*” (Salgueiro, 2011: 67).

Há ainda orações tradicionais que direccionam a devoção ao santo português no mesmo sentido. Eis uma versão inédita de Castelo de Vide⁷: “*Santo António se levantou, / Seus sapatinhos calçou, / Suas sagradas mãos curou, / Caminhou e caminhou. / Nossa Senhora lhe disse: / ‘António, onde vais?’ / ‘Eu, Senhora, consigo vou.’ / ‘Tu comigo não vens. / Tu na terra ficarás. /*

⁴ Estas tradições, relacionadas com o gado leiteiro, são próprias – noutras localidades da região – da devoção a São Mamede, santo protector dos rebanhos. Entre essas povoações, contam-se Castelo de Vide e a zona da Ribeira de Arronches, na freguesia do Reguengo (Portalegre), paróquia onde se situa o abandonado eremitério dedicado a esse santo.

⁵ Sublinhado meu.

⁶ Esta obra de arte popular, datada de 1857, conta com uma cartela onde se inscreve esta oração rogatória: “*As tristes Almas dos pobres / Que penando aqui estão, / Entre chamam gritaõ, e pedem / Vossa esmolla ou oração.*”

⁷ Versão de Castelo de Vide, recolhida em 1994 por Maria do Carmo Fernandes Alexandre. Transcrição minha.

Todas as missas que disserem, / Tu, António, ouvirás. / Todas as almas que se perderem, / Tu, António, as salvarás.”

Uma outra versão deste texto religioso, indica-nos, contudo, que a advocacia mais comum atribuída ao taumaturgo também se verifica por terras raianas do norte alentejano. Aqui, Fernando de Bulhões é chamado igualmente a intervir quando se perdem objectos: *“Santo António, Santo Antoninho se levantou, / Seus sapatinhos calçou, / Suas sagradas mãos lavou, / No seu bordãozinho pegou, / Nossa Senhora encontrou. / ‘António, onde vais?’ / ‘Eu, Senhora, contigo irei.’ / ‘Tu comigo não irás, / Tu na Terra ficarás. / Tudo quanto se perder, / Tu, António, encontrarás.”*⁸

Para esse fim, há ainda outras orações, comuns contudo em todo o território nacional⁹.

Para além da protecção dos gados, da salvaguarda das almas e do auxílio na descoberta de objectos perdidos, a literatura tradicional da região leva-nos ainda a uma quarta motivação dos devotos deste bem-aventurado. Das quadras que a etnógrafa da Escusa recolheu nos desafios integrados nas festas do nosso *“santo de todo o mundo”* que na sua terra ocorriam, há algumas que indiciam que lhe rezavam para proteger os soldados ou para livrar os rapazes do serviço militar. Eis um exemplo, que se refere a um momento dramático na história recente de Portugal (a perda do Estado da Índia): *“Ó meu padre Santo António, / Grande Santo de Lisboa, / Guardai os nossos soldados, / Que estão na batalha em Goa.”* (Salgueiro, 2011: 71¹⁰).

A religiosidade popular, tradicional, não vive todavia, apenas, de orações e promessas. Não passa sem festas em que se misturam, com maior ou menor equilíbrio, o sagrado e profano – que, nesses momentos, frequentemente se ritualiza e sacraliza. Nem todas as terras onde houve ou há devotos de Santo António tiveram/têm motivação, necessidade ou organização para lhe dedicar festejos em que se entrançavam/entrançam actos religiosos institucionais e não-institucionais. Em quase todas há, ainda, contudo, rituais colectivos – praticados à margem da Igreja – integrados nos chamados *“santos populares”*, em que o frade aparece entronizado conjuntamente com São João Baptista e São Pedro ou surge, somente, como pretexto ancestral para comezainas e bailaricos.

Algumas povoações da região tiveram ou têm, porém, festejos mais organizados, que não dispensaram/dispensam actos institucionais. Tanto quanto sei, neste momento há apenas duas festas em honra de António, ambas no concelho de Marvão, na Escusa e na Ponte Velha. Houve, contudo, celebrações desse género também em Portalegre e Castelo de Vide.

Em Portalegre, as festividades parece que se centravam na igreja do extinto convento de São Francisco (apesar de haver altares dedicados ao santo quer na sé quer na outra sede paroquial, São Lourenço). Segundo dados recolhidos pelo padre José Patrão, na década de 80 do século XIX a festa constava de missa com sermão e arraial nas proximidades do templo, com iluminação, fogo preso e concerto de uma filarmónica local (cf. Patrão, 1995a). Segundo conta Alberto Pimentel, nessa mesma época ocorriam também

⁸ Versão inédita de São Salvador da Aramenha (Marvão), recitada por Ana Baptista e recolhida por Marisa Santo em 2003. Transcrição minha.

⁹ Registe-se, a título de exemplo, uma versão da aldeia da Escusa: *“Quem milagres quer achar, / Contra males e o demónio, / Busque logo a Santo António, / Que aí os há-de encontrar, // Aplaca a fúria do mar, / Tira os presos da prisão, / E o doente torna são, / E o perdido faz achar, // E sem respeitar os anos, / Socorre qualquer idade, / Abonem esta verdade / Os cidadãos paduanos, // Aplaca a fúria do mar, / Tira os presos da prisão, / Ao doente torna são, / E o perdido faz achar; // Glória eterna dada seja / À Santíssima Trindade, / Por toda a eternidade, / Minha alma assim o deseja. // Aplaca a fúria do mar, / Tira os presos da prisão, / Ao doente torna são / E o perdido faz achar.”* (Salgueiro, 2011: 63).

¹⁰ Esta autora refere, ainda, um outro caso semelhante, um pouco mais recuado, embora não tenha conseguido recolher o texto literário: *“Rosalina diz que, uma vez, sua avó fez promessa de fazer a festa se seu filho, soldado na 1ª Guerra, voltasse com saúde. Então, a irmã do soldado e mãe de Rosalina escreveu e ‘deitou’, na hora própria, uns versos sobre a vida de Santo António.”* (Salgueiro, 2011: 71).

na cidade, de madrugada, as “*alvoradas*”, em que se cantavam pelas ruas, “*num tom fradresco, como se rezassem alto, acompanhando-se com pandeiretas num ritmo sonolento*”, quadras e estribilhos dedicados ao que estava para ser padroeiro oficial da urbe (cf. Pimentel, s/d)¹¹.

Em Castelo de Vide, apesar de existir uma ermida dedicada ao santo milagreiro onde decorriam alguns actos devocionais (cf. Gordo, 2004: 104 – 105), as festas mais importantes localizavam-se na igreja paroquial de Sant’ Iago Maior. Já ocorriam em meados do século XVIII, segundo a memória assinada em 1758 pelo padre dessa freguesia, Domingos de Figueiredo. O programa de 1926 previa para dia 12 de Junho, ao meio-dia, a “*anunciação da festa pelos sinos das freguezias*” e “*alguns morteiros*”. No dia dedicado ao franciscano, o folheto prometia, pela mesma hora, uma eucaristia abrilhantada pela orquestra do Asilo de Nossa Senhora da Esperança, saindo à cinco da tarde a procissão pelas principais artérias da vila. Depois das dez da noite, decorreria o arraial no “*lindo largo de S. Thiago*”, com “*venda de fogaças, iluminações, bailes campestres, a tradicional fogueira, descantos populares, e subindo ao ar alguns foguetões de vistas do afamado Pirotécnico das Mouriscas*”¹².

Na aldeia da Escusa, as festas – que ainda hoje se realizam – constavam de vários actos religiosos (trezena, missa, procissão e cerimónia da bandeira) e profanos (peditórios, descantes, touradas, leilões e bailes) (cf. Salgueiro, 2011: 59 – 76), alguns deles caídos agora em desuso. A festa da Ponte Velha, celebrada junto da igreja de Santo António dos Barros Cardos, segue o modelo comum na região, sem grandes variações.

Entretanto, devo registar que há dez anos uma associação denominada “*Grupo Pró-Portalegre*” passou a denominar-se “*Confraria de Santo António*”. É, contudo, um grupo afastado da Igreja, sem qualquer acto devocional verdadeiro, além de um cortejo sem carácter religioso e desligado das tradições locais (S/A, 2005).

*

Com estes dados, é difícil saber com certeza em que época nasceu a devoção a Santo António de Lisboa entre os habitantes das localidades da Serra de São Mamede. Podemos aproximar-nos de hipóteses sólidas, mas dificilmente alguma delas será comprovada por documentos inequívocos.

A lista de capacidades taumatúrgicas/protectoras tidas em conta pelos fiéis da região nas suas relações com o santo pode nem estar completa, pois a nossa pesquisa não foi exaustiva. As sinalizadas apontam, contudo, para o carácter absorvente de uma figura que, em certas localidades, passou a advogar junto de Deus algumas causas que, tradicionalmente, eram apanágio de outros membros da corte celestial. Se o auxílio na descoberta de objectos extraviados parece ter sido atribuição exclusiva do frade no nosso país, embora importada e tardia¹³, convém verificar que o mesmo não acontece com as outras evidenciadas pelas tradições dos três concelhos em estudo.

¹¹ Entre essas quadras, estão as duas que transcrevemos acima. Pelo meio, havia um refrão (em que se revela uma simbologia reveladora): “*Isso sim. / Cravo almirante, / No céu e na terra / Sempre estais brilhante*” (Pimentel, s/d).

¹² Folheto pertencente à coleção de Pedro Manuel Salema Cordeiro. Agradeço ao Professor Doutor Francisco Sepúlveda Teixeira a cedência de uma cópia digitalizada deste documento.

¹³ Segundo afirma Louis Réau, não será anterior ao século XVII. Na opinião de um autor dessa época, citado pelo estudioso francês, essa capacidade terá nascido “*de um mau trocadilho com o seu nome: antigamente [em França] era chamado Antoine de Pade ou de Pave, abreviatura de Pádua (Padova): e daí a atribuir-lhe o dom de fazer encontrar os épaves, ou seja, os bens perdidos, desencaminhados, de que se ignora o proprietário, foi apenas um passo facilmente superado pela etimologia popular, que conta nos seus activos muitas outras facécias do mesmo género*” (Réau, 1959: 117). Segundo alguns antropólogos, Santo António terá cristianizado uma função que o paganismo atribuía ao deus Hermes/Mercúrio.

<i>Valência atribuída a Santo António</i>	<i>Santo que tradicionalmente possui essa capacidade</i>
Protecção do gado suíno	Santo Antão ¹⁴
Protecção do gado leiteiro	Santo Antão ou São Mamede ¹⁵
Protecção das almas	Arcanjo São Miguel ¹⁶
Protecção dos soldados	São Sebastião ¹⁷

Sabe-se que São Miguel, São Sebastião e São Mamede já constavam nos santorais moçárabes da Península Ibérica; ou seja, eram venerados antes da reconquista cristã dos territórios administrados pelas elites islâmicas ou islamizadas, ocorrida nesta região a partir do século XII. Já os encontramos no século X com celebrações nos dias 19 de Janeiro (Sebastião), 5 de Agosto (Mamede) e 29 de Setembro (Miguel) (cf. Simonet, 1871). No que respeita a Antão ou “*António do Deserto*”, falecido em meados do século IV, o seu culto terá recebido forte incremento no século XIII, embora se tenha iniciado ainda na centúria anterior, atingindo o apogeu no final da Idade Média (cf. Carvalho, 2000: 252 – 253).

Se a figura de Santo António de Lisboa veio, de algum modo, substituir as suas – parece, então, que a devoção ao franciscano será posterior à de que eram alvo. Temos assim uma datação possível: Fernando Martins de Bulhões terá entrado em Castelo de Vide, Marvão e/ou Portalegre no final da Idade Média (no século XIV ou, mais provavelmente, no século XV, coincidindo com a sua maior difusão internacional).

A sua chegada, avassaladora, terá apagado completamente a memória do eremita seu homónimo – que aqui terá tido devotos, estou certo. Os nomes eram iguais ou idênticos – e sabe-se que, frequentemente, dois santos com o mesmo nome passam a ser um único¹⁸. Com o incremento da produção de esculturas a representarem o frade, o caminho completou-se. O lisboeta chegou no momento certo, na época em que as igrejas começavam a encher-se de imagens de vulto, até aí muito raras. Da confusão passou-se à fusão. O “velho” foi substituído pelo “novo”, o idoso e rigoroso santo barbudo enevoou-se e escondeu-se perante o jovem e alegre santo imberbe (cf. Pereira, 2005: 122). E poucos ou nenhuns lembram que frei Fernando mudou o seu nome em homenagem ao austero eremita egípcio.

Mamede, Miguel e Sebastião tiveram mais sorte, pois ostentavam nomes diferentes – e permaneceram com fulgor (mas nunca com as mesmas atribuições na mesma localidade). Antão também teve, mas noutras regiões onde as suas esculturas já haviam

¹⁴ Para além da protecção dos gados, em especial do suíno, Santo Antão foi invocado na Idade Média contra o “*mal dos ardentes*” e outras enfermidades.

¹⁵ Mamede, venerado desde tempos muito recuados na Península Ibérica, é tradicionalmente o protector dos pastores. Na época moçárabe, o seu nome terá sido encarado como uma transformação do nome do Profeta do Islão.

¹⁶ Este anjo superior foi visto como mensageiro de Deus, chefe dos exércitos de IHHW e protector dos judeus. Na tradição cabalística, é apresentado como uma “*manifestação de Deus*” no seu grau supremo. Foi ainda visto como pesador das almas no Juízo Final e guardião do Paraíso.

¹⁷ Na época moçárabe, Sebastião foi apresentado sobretudo como exemplo de resistência contra as investidas das autoridades adversas ao cristianismo (pagãs ou islâmicas). Durante a reconquista, tornou-se modelo dos militares que lutavam contra os soldados do Islão. Nalgumas comunidades, foi ainda visto como um novo Cristo (dada a maneira como morreu martirizado) ou como avatar do “*Deus dos Exércitos*” (entre as comunidades cripto-judaicas). Nos meios urbanos, as capelas dedicadas a este santo situavam-se na entrada das povoações, dando-lhes protecção simbólica contra a peste (cf. Ventura, 2012).

¹⁸ Verdade seja dita que ao povo crente interessa muito pouco a biografia real dos santos de que é devoto. Fixa-se sobretudo no seu calendário festivo e nas suas capacidades taumaturgicas. Da personagem interessa-lhe o nome e a aparência da sua imagem. O mesmo santo é diferente conforme as localidades e é encarado como uma personalidade autónoma ou independente. Para o catálogo das fusões e das confusões, veja-se o caso de “Santo Amaro”, que tanto é o monge beneditino São Mauro quanto o eremita peninsular Amaro.

entrado. Aqui (e em muitas terras da Beira) desapareceu sob outra imagem – ao ponto de ser quase impossível encontrar representações suas no Alto Alentejo (conheço apenas duas, na Casa-Museu José Régio, em Portalegre, que podem contudo ser provenientes de outra zona do país). A ausência é reveladora de um culto submerso, mas existente no inconsciente. Talvez tenha surgido por influência dos “*pobres*” de São Paulo Eremita (companheiro de Antão e com ele patriarca do monaquismo cristão), que residiram nos séculos XIV e XV na “*Provença de Vale de Flores*”, na Ribeira de Nisa (Portalegre). A submersão precoce pode explicar-se pelo facto de ter sido nesse mesmo território que, poucos anos depois, na década de 20 do século XVI, se fundou o primeiro convento de frades franciscanos capuchos da região, dedicado precisamente a Santo António de Lisboa.

2.2 Património material

Se deixarmos de lado as manifestações imateriais antonianas e nos centrarmos no património tangível gerado pela intensa veneração do frade sepultado em Pádua, veremos que a datação proposta para a introdução do seu culto (séculos XIV/XV) parece ter confirmação material. Embora saindo alguns quilómetros do âmbito geográfico deste estudo, veremos que nessa época terão nascido os mais antigos edifícios dedicados a Santo António. Falo das igrejas edificadas em Arez no século XIV, em Nisa na centúria seguinte e em Alter do Chão nos primórdios do século XVI; as datações são de Luís Keil (cf. Valdemar & alii, 2000: 04722, 04697 e 04435).

Infelizmente, até ao momento não se localizaram representações escultóricas do franciscano anteriores a inícios do século XVI. Um pequeno núcleo deve, todavia, incluir-se ainda nessa época primordial, que irá até meados de quinhentos. Não serão mais do que meia-dúzia as imagens desse período, destituídas ainda do seu atributo mais comum, o Menino Jesus, divulgado sobretudo a partir da Contra-Reforma (cf. Réau, 1959: 118). Entre elas, incluo as peças da ermida de Alter do Chão¹⁹, da igreja de Arez (Nisa)²⁰, da matriz de Alegrete (Portalegre) (fig. 2)²¹, do museu municipal de Marvão²² e da paróquia de Carreiras (Portalegre)²³. Ponho ainda a hipótese de terem também a mesma datação as imagens veneradas na Ribeira de Nisa e no Reguengo (Portalegre).

*

Se os primórdios da devoção antoniana parecem estar nos finais da Idade Média, a eles não deve ter sido alheia a presença de um cenóbio franciscano em Portalegre desde,

¹⁹ Luís Keil confirma esta datação, não atribuindo grande valia artística a esta peça em pedra. Abstenho-me de discutir tal opinião. Santo António surge, aqui, com o bordão de peregrino e com uma gorra sobre a cabeça (cf. Valdemar & alii, 2000: 04435).

²⁰ Tem como único atributo o livro. Pela má fotografia publicada por Luís Keil, parece tratar-se de uma peça produzida num ateliê português influenciado pelos cânones da arte nórdica. Aparenta estar na linha de uma escultura do Museu Nacional de Arte Antiga, colecção Ernesto Vilhena, datada de 1475/1500 (cf. Carvalho, 2000: 168 e 252). A confirmação destes dados é dificultada pelo estado actual da peça, alvo de um restauro que não respeitou os seus valores estéticos nem a sua antiguidade.

²¹ A imagem de Alegrete, ainda hoje venerada, está esculpida em pedra e apresenta como único atributo um livro.

²² Não se sabe de que igreja do concelho de Marvão terá vindo esta escultura em madeira que tem como único atributo um pão. Tratar-se-á da primitiva escultura de Santo António das Areias?

²³ A escultura de Carreiras esteve exposta à veneração até à década de 1870, data em que foi substituída por outra peça, proveniente do convento de Santo António de Portalegre e oferecida pelo vigário-geral da diocese. É em madeira, não tem quaisquer atributos e já era titular de um altar na segunda metade do século XVI.

pelo menos, o terceiro quartel do século XIII. É importante não esquecermos que, ainda em finais do século XIX, mesmo depois da extinção das ordens religiosas, as festas dedicadas a Santo António se centravam na igreja de São Francisco, onde existia um altar que lhe era dedicado.

A presença franciscana na região foi marcante durante todo o Antigo Regime. Em todos os concelhos em apreço existiram fundações dos frades menores que, decerto, marcaram a espiritualidade e as devoções da população residente. Na vila que em 1549 se tornou sede diocesana terá sido por volta de 1260 que se edificou o mais antigo convento, impulsionado por forte patrocínio real. Em Marvão, o convento de Nossa Senhora da Estrela levantou-se, sobre um santuário local, em meados do século XV (embora haja opiniões que fazem recuar duzentos anos a primeira construção do eremitério). A fundação mais tardia ocorreu em Castelo de Vide, com a edificação no final de quinhentos da recoleta de Nossa Senhora da Conceição, no lugar de uma quinta doada por particulares, sob patrocínio do município. A este conjunto de comunidades, deve ainda acrescentar-se a fundação de um mosteiro de clarissas em Portalegre no final do século XIV, de um convento de capuchos a poucos quilómetros da localidade em 1522 (refundado cerca de cinquenta anos depois num monte fronteiro à cidade) e de um recolhimento de terceiras franciscanas junto da ermida de São Brás, já no início do século XVIII. Este movimento deve completar-se, ainda, com o estabelecimento no século XVII de mais comunidades menoritas noutras vilas do actual distrito de Portalegre, nomeadamente no Crato, em Alter do Chão e em Campo Maior. Tão forte presença terá, decerto, auxiliado na difusão da imagem de Santo António, que prontamente criou raízes na zona.

A devoção plantada em finais da Idade Média terá sido regada, entretanto, pela elevação de Portalegre a centro religioso. Aí nasceu uma pequena diocese, situada a sul do rio Tejo, que conseguiu em 1549 *de jure* um estatuto que já tinha *de facto* havia mais de trinta anos, desde a presença nos arredores da localidade de um convento de freiras cistercienses onde habitava D. Jorge de Melo, prelado do bispado da Guarda, a que pertencia. Verificase, por exemplo, que desde os primórdios da edificação da nova sé (meados do século XVI), sempre aí existiu um altar (ainda que pequeno por comparação com os seus vizinhos, monumentais) dedicado àquele que seria elevado, tardiamente, à categoria de padroeiro da urbe e da circunscrição religiosa (cf. Patrão, [2002]: 230). No regimento do Cabido da Sé de Portalegre, dado pelo seu primeiro bispo, D. Julião de Alva²⁴, em 1560, determinava-se que o dia de “*Sancto António de Padua*” se celebrasse como “*feira de guardar*” (Martins, 1997: 105). Anos depois, em 1589, o bispo carmelita D. frei Amador Arrais²⁵ mandou escrever nas constituições do seu bispado: “*Encomendamos m(ui)to a nossos súbditos sejam devotos dos S(anc)tos em (e)special do glorioso confessor Sam Martinho, e do martyr São Sebastiam e de sancto Antonio, e de S(anc)to Amaro, nos dias dos quaes convem que frequentem as Igrejas, e Sacram(en)tos e se achem p(re)sentes aos officios divinos*”. Cauteloso entendeu, contudo, sublinhar: “*poem não lhes mandamos que os guardem sub praecepto, por não multiplicar dias de guarda que vemos tam mal guardados*” (Alves, 1999: 64).

A Contra-Reforma emanada do Concílio de Trento parece ter tido um papel decisivo na difusão da devoção antoniana. A “*evangelização pela imagem*” terá levado a um aumento significativo do número de pinturas e de esculturas representando o santo lisboeta, passos da sua vida ou da sua lenda, milagres que terá feito.

²⁴ Bispo entre 1549 e 1560. Faleceu bispo de Miranda, em 1570.

²⁵ Bispo entre 1582 e 1597. Faleceu no Colégio do Carmo, de Coimbra, em 1600.

Na sé, por exemplo, edificou-se ainda no século XVI um “*retábulo estoriado com os milagres do bem-aventurado santo [António]*” (Sotto Maior, 1984: 64), de que hoje restará apenas uma tábua representando o “*milagre da mula*”²⁶ (cf. Patrão, 1995).

Data dessa época a fundação da única paróquia da região dedicada ao frade menor, no concelho de Marvão. Nessa igreja de Santo António das Areias – edificada talvez ainda na década de 1560 (cf. Oliveira, s/d)²⁷ e hoje muito modificada, após obras ocorridas por volta de 1790 – implantou-se um retábulo, ainda *in situ* no ano de 1758: “*Da Parrochial Igreja desta Freguesia he orago o Senbor Sancto Antonio, Cuja Imagem se acha feita com toda a perfeisam e situada em hum nicho do Retabollo do Altar mayor, o qual todo he de madeira e está ornado de Excelentes pinturas sito na Capella mor*” (Machado & Gorjão, 1993: 65). A escultura perdeu-se ou extraviou-se, mas as quatro pinturas que o integravam podem ainda hoje ser observadas na igreja (embora muito escurecidas por fumos e vernizes). Representam um Calvário, o “*Ecce Homo*” ou “*Senhor da Cana Verde*”, o “*Milagre Eucarístico*” (figs. 3) e a “*Pregação aos Peixes*”²⁸.

Também as fundações capuchas na região devem ter dado origem a retábulos pintados, ao gosto da época. Deveriam existir tanto no seu primeiro edifício, levantado na Ribeira de Nisa em 1522 numa quinta doada por Gonçalo de Sousa, quanto no que depois se edificou no monte dos Cidrais na década de 1570, sob patrocínio do bispo D. André de Noronha, que nele quis ser sepultado²⁹. Quase nada resta deles, contudo. O edifício da década de 20 passou a ser igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora da Esperança e as modificações sofridas no último quartel do século XVIII foram tão profundas que muito foi substituído por peças dessa época, inclusive a imagem da padroeira³⁰. Já o convento da cidade, teve o destino de muitos outros depois da extinção das ordens religiosas em 1834 (cf. Dinis, 2011); a igreja foi profanada e o seu recheio disperso ou destruído; sobram as esculturas que representam Santo António e São Francisco de Assis – boas peças maneiristas do último quartel do século XVI –, hoje integradas no património de outros templos da região: o Doutor da Igreja é venerado na igreja paroquial de Carreiras, para onde foi oferecido na década de 1870 pelo vigário-geral da diocese (fig. 1); a do fundador está exposta num salão da igreja portalegrense de São Lourenço.

O conjunto de pinturas integráveis no ciclo iconográfico de Santo António deve enriquecer-se com outras peças da mesma época, existentes na região. A lista não é exaustiva. Convém, todavia, referir as obras existentes na igreja de São Gregório do Reguengo, na Casa-Museu José Régio (Portalegre) e na igreja da Escusa (Marvão). Representam todas o “*milagre da mula*” e todas elas são obra do período maneirista, que na região vai de meados do século XVI até finais da centúria seguinte. É possível que tenham vindo de conventos extintos e dos seus desmembrados retábulos. Parece que assim aconteceu com o políptico existente na ermida da freguesia de Aramenha; terá vindo no

²⁶ O retábulo primitivo foi substituído na época barroca por aquele que hoje apresenta. Nele são venerados os santos portugueses: além dele, São João de Deus, São João de Brito e São Nuno de Santa Maria.

²⁷ Esta datação parece confirmada pelas conjecturas do pároco de São Salvador da Aramenha que, em 1758, escreveu que a paróquia mais recente do concelho de Marvão era, na sua época, a de São Julião. Fora fundada no decurso do testamento do primeiro bispo de Portalegre, D. Julião d’Alva, por volta de 1570 (cf. Machado & Liberata, 1993: 56). A de Santo António seria portanto anterior.

²⁸ Vítor Serrão escreveu alguns parágrafos sobre estas pinturas, integrando-as num conjunto de obras que qualifica de “*pintura popular*”, embora influenciada pelos mestres maneiristas que trabalharam na sé de Portalegre e na região (cf. Serrão, 1989: 127 – 129). Na minha opinião, as duas pinturas que representam milagres do santo revelam, contudo, uma factura ligeiramente anterior, devendo ser pouco posteriores à fundação da igreja na década de 60 do século XVI.

²⁹ Bispo entre 1560 e 1581. Faleceu bispo de Plasencia, em Espanha, no ano de 1586.

³⁰ Em 1758 era considerada “*antiquíssima*”, com “*ponco mais de cinco palmos de altura*”, “*as mãos levantadas com a formidade com que se costumão ver todas as que têm o título da Expectação*”, “*a cor do rosto [...] muito natural e a simetria muito engraçada*”, ornando-se de vestidos (cf. Ventura, 1995: 111). A actual escultura data das últimas décadas de setecentos e é uma boa escultura do barroco final, muito próxima dos trabalhos desenvolvidos em Lisboa por José de Almeida e o seu círculo.

século XIX do convento franciscano de Castelo de Vide e é, segundo Vítor Serrão, obra excelente de um “*erudito ‘maneirista’ de cerca de 1590*” (Serrão, 1989: 128); das três, é a que tem maior valia artística³¹.

Já dos primeiros anos do século XVIII são as quatro pequenas pinturas sobre tela que integram o retábulo proto-barroco, arcaizante, da igreja de Santo António da Ribeira, em Castelo de Vide, fundada em 1700. Ladeiam um nicho em que se venera uma imagem do frade e representam quatro dos seus milagres mais conhecidos. Apresentam uma pintura de índole popular, medíocre, apenas com interesse iconográfico (ao contrário do retábulo e da escultura, de melhor factura); o estado precário destas quatro peças não permite no entanto saber se o que hoje vemos é original ou apenas um repinte bárbaro (semelhante a muitos que infelizmente se encontram) (fig. 4).

Na pintura mural, não se localizou até ao momento qualquer conjunto iconográfico significativo. Pouco mais existe do que uma pequena representação de “*Santo António em glória*” no centro da abóbada que cobre a única capela que sobrevive no edifício do extinto convento capucho de Portalegre, obra muito limitada do século XVIII. Como exemplo da adesão popular ao frade milagreiro, será bom apontar a existência de um espaldar de fonte nas proximidades do Centro de Saúde de Portalegre com uma representação a preto e branco (esgrafito?) de São Mamede, São Vicente Ferrer e Santo António “*pescador*”. Trata-se de um trabalho fruste, datado de 1730³², que mostra o franciscano a pescar, com um hábito muito remendado, numa representação quase caricatural que deriva, obviamente, do “*milagre da pregação aos peixes*”, embora possa ser lida como uma interpretação desta figura como “*pescador de homens*”.

No campo da pintura sobre azulejo são também escassas as representações antonianas antigas que chegaram ao nosso tempo. No levantamento que concretizei, consegui apenas localizar dois exemplos situados em Castelo de Vide, ambos produzidos no século XVIII. A curta distância da igreja de Santa Maria da Devesa, um registo ornamenta a fachada de um prédio; trata-se de uma peça muito mutilada, que mostra Santo António com o Menino Jesus ao colo. Situa-se na galilé da portaria do convento franciscano de Nossa Senhora da Conceição o conjunto mais importante (infelizmente com danos significativos na superfície pictórica): são dois painéis de boa dimensão e cuidadosa execução que representam o santo a salvar o pai de uma condenação à morte (fig. 5) e o quase omnipresente prodígio da mula perante a hóstia consagrada.

A insistência no “*milagre da mula*” ou “*milagre eucarístico*” na iconografia de Santo António mais divulgada nos concelhos em apreço durante a Contra-Reforma não terá sido fruto do acaso. Bastará recordarmos o que, algumas décadas antes, em 1513, se publicou n’ *Ho Flos Sanctorum em Lingoage* sobre esse prodígio e sobre a “*pregação aos peixes*”, que frequentemente o acompanha nos retábulos (como no desmembrado políptico de Santo António das Areias):

“[...] E dos [milagres] que em sua vida fez, que deixamos infindos como quer sejam mais notavees especialmente contra os hereges com os quaes tinha grande conquista assi como se aconteeo. Sendo elle huñ dia por causa dos mesmos hereges que privavam a entrada da cidade ao sancto homem, elle se pos sobre a ponte a pregar aos peixes, dizendo lhes suas liberdades, s, como no dilúvio todallas cousas foram mortas mas a elles fora dada vida e andar per todo o mundo. E outrosi, como sempre se lee, Nosso Senhor comer sempre peixes e nunca carne se nom na cea o cordeiro e outras cousas e a multidom dos peixes se ajuntou a ouvir preegaçam com as cabeças sobre a agua estando os pequenos mais perto e os grandes mais longe e dando lhes sua bençam se foram em paz. O qual vendo o os hereges tornarom se a Deos. E outrosi o

³¹ O políptico é constituído por cinco pequenas tábuas. A central, de maiores dimensões, representa uma Senhora da Piedade. As restantes mostram, além do milagre antoniano, São Jerónimo e, talvez, São Bernardino de Siena e São Luís de Toulouse – todos em atitude orante e contemplativa.

³² A legenda, também em pintura mural, afirma: “*Em a era de mil 730 se fes esta o- / bra e[m] dia de S^{ta}. Catherina [...]*”.

cavallo, animal bruto, que adorava o sacramento com os gíolbos em terra deixando a cevada e adorando a seu criador pollo qual o herege se tornou christão. [...]” (Lucas, 1988: 214).

Louis Réau afirma que a primeira narrativa “foi manifestamente inventada para emparelhar com a Pregação de São Francisco aos pássaros”³³ (Réau, 1959: 116). Quanto à segunda, que coloca entre os “lugares comuns da literatura hagiográfica”, conta-a com outros detalhes:

“O milagre da mula, irmã da burra do profeta Balaão e do burro do Presépio, terá tido lugar em Bourges. Um judeu chamado Guillard recusava-se a admitir a presença real de Cristo na Eucaristia, prometendo que acreditaria caso uma mula, colocada como o burro de Buridan entre uma medida de aveia e uma hóstia, se inclinasse perante o Santíssimo Sacramento. Santo António conseguiu pelas suas orações a genuflexão da mula e, assim, o descrente abjurou do seu erro” (Réau, 1959: 116).

Não me interessa questionar a veracidade dos milagres atribuídos ao santo lisboeta. É importante, sim, verificar que essas narrativas foram colocadas sob o signo da conversão dos incrédulos, dos hereges e dos judeus. É seguro que António pregou contra os defensores da heresia cátara no sul de França. Esse alargamento na sua hagiografia e na sua iconografia transformou-o, todavia, num instrumento apetecível na difusão do culto dirigido ao Santíssimo Sacramento e, sobretudo, numa ponta de lança na luta da Igreja Romana contra os movimentos reformistas que pululavam na Europa do século XVI e contra os judeus e cristãos-novos. O tão repetido “*milagre da mula*” em partes de Castelo de Vide, Marvão e Portalegre – onde existiram comunidades judaicas e cristãs-novas numerosas e importantes – terá sido pois utilizado como veículo de propaganda e proselitismo, transformando Santo António de Lisboa num estandarte da Contra-Reforma na região.

*

A maior parte das representações de Santo António na região de São Mamede não se situa, contudo, no campo da pintura, mas no da escultura. Além das cinco ou seis que já referi – integráveis na primeira centena e meia de anos em que a sua veneração se difundiu – há uma miríade de imagens espalhadas por todas as localidades da zona. É difícil fazer um inventário completo – e nem é esse o propósito deste artigo. Para se ter, contudo, uma noção mínima da distribuição da sua devoção, bastará olharmos este quadro:

	<i>Cast. de Vide</i>	<i>Marvão</i>	<i>Portalegre</i>	<i>Totais</i>
<i>Orago conventual</i>	0	1	0	1
<i>Orago paroquial</i>	0	0	2	2
<i>Orago não-paroquial</i>	1	1	2	4
<i>Orago de altar secundário</i>	1	0	11	12
<i>Veneração no altar-mor</i>	0	2	3	5
<i>Veneração sem altar</i>	0	1	2	3
<i>Totais</i>	2	5	20	27

³³ A versão recolhida pelo historiador francês é um pouco diferente da apresentada no impresso português de inícios do século XVI: “Um dia, em Rimini, na costa do Adriático, Santo António pregava sem sucesso perante os hereges. Como os seus ouvintes lhe faziam orelhas moucas, tomou o caminho da praia e começou a pregar aos peixes. Mal pronunciou algumas palavras, inumeráveis peixes, pequenos e grandes, chegaram-se à pressa, pondo-se uns atrás dos outros, organizados pelo tamanho, de tal maneira que as suas cabeças saíam da água. Falou-lhes da bondade que o Criador tinha para com eles; depois despediu-se como na missa (*Ite, missa est*), dando-lhes a bênção.” (Réau, 1959: 116).

Estes dados, recolhidos em documentos de meados do século XVIII, mas actualizados com dados posteriores, não mostram a totalidade da devoção antoniana, pois “escondem” a multidão de esculturas que povoavam oratórios e casas particulares. Bastará visitar a Casa-Museu José Régio, o Museu Municipal de Portalegre ou o Museu Paroquial de Arte Sacra de Castelo de Vide para se aquilatar o seu número e variedade. Os números revelam, contudo, dois dados curiosos.

Em primeiro lugar, é nítido que a devoção ao santo lisboeta se centrou, sobretudo, no termo de Portalegre – o que se compreende, dada a centralidade da urbe como sede de diocese e como lugar onde edificou um convento de frades da Estreita Observância franciscana, ou capuchos, cujas igrejas eram maioritariamente dedicadas ao taumaturgo. Em segundo, verifica-se que a maior parte das esculturas eram/são titulares de altares secundários – o que comprova, a meu ver, a percepção de que Santo António foi venerado sobretudo por intermédio de confrarias leigas.

É certo que Fernando de Bulhões teve ao longo do tempo uma veneração “oficial” impulsionada pelo clero que, como vimos, na época contra-reformista até terá tentado transformá-lo num paladino da luta pela conversão ao catolicismo dos hereges (protestantes?) e dos judeus. António foi, contudo, um “santo do povo”, pelos ínvios e interessantes caminhos que já se apresentaram. Só foi alvo de verdadeira atenção popular quando do povo crente partiu a iniciativa do seu acolhimento. Bastará ver-se que não gerou qualquer devoção significativa na única paróquia em que foi colocado como titular (Santo António das Areias, em Marvão); a decisão terá partido das autoridades eclesiásticas, não conseguindo suplantam o culto prestado a São Marcos, centrado numa ermida fronteira. Na Escusa, pelo contrário, as festas ancestrais realizam-se em honra do franciscano, apesar de a sua igreja ter como orago oficial Nossa Senhora da Esperança.

É conveniente sublinhar que, mesmo nos séculos XX e XXI, Santo António tem conseguido manter vitalidade cultural. Entre os edifícios religiosos mais recentes que se têm construído na região, dois deles foram dedicados ao nosso santo: Santo António dos Olivais, em Monte Francisco, na freguesia de São Julião, ermida levantada em 1919; e Santo António dos Assentos, num bairro social de Portalegre – obra significativa edificada já nos princípios do nosso século com projecto do arquitecto Carrilho da Graça.

As iniciativas particulares, familiares ou individuais geraram, contudo, adesões locais distintas. No caso de Castelo de Vide, a existência de uma igreja antoniana, construída em 1700 por iniciativa de Sebastião Fernandes Ramilo e de sua mulher Ana Vaz Barba, não parece ter gerado um novo pólo religioso, talvez por ser uma capela funerária (cf. Trindade, 1989: 185 – 186); como se viu, Santo António era festejado na igreja paroquial de Sant’ Iago Maior, pelo menos desde o século XVIII. Já no que respeita à igreja de Santo António dos Barros Cardos, no concelho de Marvão, perto da aldeia da Ponte Velha, temos um fenómeno contrário, provavelmente por não existir nas proximidades qualquer edifício religioso concorrente. Esta ermida, edificada em 1740/50 por vontade testamentária de um clérigo³⁴, deu origem a uma festa que, ainda hoje, manifesta vitalidade.

Voltando às esculturas, dizia ser muito difícil listá-las na totalidade, tal a sua abundância. Permito-me, contudo, destacar algumas pelo seu interesse artístico ou iconográfico. Têm uma boa qualidade de execução artística as imagens expostas na igrejas de São Lourenço (século XVII) e de Sant’ Iago (primeira metade do século XVIII), em Portalegre, bem como a que é cultuada num altar da catedral da mesma cidade (século XVIII); são todas em madeira dourada e policromada e apresentam o tipo iconográfico

³⁴ Domingos Rodrigues Fronteira refere a ermida deste modo na memória paroquial da freguesia de Sant’ Iago de Marvão: “[...] [tem] outra de Santo António, que se fes agora de novo, a qual administra os Collegiais do Spirito Sancto da Villa de Castello de Vide, aos quais deixou hum Clerigo desta Villa Chamado o Padre Manoel Tav[a]res, que andou nas partes Ultramarines, todos os seus bens Com pensão de mandarem Edificar a dicta hermida de Santo Antonio [...]” (Machado & Gorjão, 1993: 80).

mais difundido no Barroco – Santo António com o Menino ao colo. Interessante representação, com a mesma iconografia e boa modelação, é ainda a que se apresenta na fachada da profanada igreja do convento capucho da mesma urbe – uma peça setecentista em barro policromado (fig. 6). No concelho de Castelo de Vide, destaca-se uma peça do século XX que, embora seja de um tipo corrente e pouco inventivo, mostra um bom trabalho de escultura, na revelação da cena de ternura entre o santo e o Menino (testemunhada pelo conde Tirso, segundo a lenda), e tem a vantagem de estar datada e assinada pelo santeiro Guilherme Ferreira Thedim³⁵. Em Santo António das Areias, está exposta à veneração uma escultura também da primeira metade do século passado que manifesta a curiosidade de uma iconografia única na região: o Menino ao colo do santo debruça-se para oferecer pão a um rapaz doente e esfarrapado, que traça como os pobres da época em que a peça foi esculpida.

No topo das esculturas antonianas da região em apreço está, contudo, o conjunto escultórico em barro que ornamenta uma capela do extinto convento capucho de Portalegre. Não tanto pela elevada qualidade de execução – embora não mereça o severo julgamento de Keil, que qualifica as peças como “*esculturas mediócras*” (Valdemar & alii, 2000: 04772) –, mas pelo interesse iconográfico.

O espaço cultural, diminuto, tem entrada independente e situa-se à direita de quem entra na galilé da antiga igreja. É coberto por uma abóbada de berço onde se encontra representada, em pintura mural de fraca qualidade, a apoteose de Santo António. A parede fundeira é escavada por um nicho de grandes dimensões, frente ao qual se encontra a banqueta do altar, ladeada por dois poiais que se encostam à totalidade das suas paredes laterais.

Na parte central da capela, está representado o momento da morte do santo (fig. 7), que surge acompanhado por um conjunto de quase duas dezenas de frades que choram a sua partida e, ao mesmo tempo, enaltecem a sua entrada na corte celestial. O Paraíso surge figurado num conjunto de nuvens povoadas por anjos e querubins, emoldurando a parte superior do nicho, sobre o qual se sentam Jesus Cristo e a Virgem Maria, que, de braços abertos, se preparam para receber o frade no seu seio. António, deitado sobre um catre, olha para quem está à sua espera, em atitude extática/contemplativa, de braços cruzados sobre o peito, elevando ligeiramente a cabeça, antes assente sobre um almofadão. Parece ser esse o momento em que, segundo a sua lenda, terá afirmado a um companheiro: “*Irmão, vejo o meu Senhor*” (Lucas, 1988: 212). A figura tem um tamanho próximo do natural, maior que o dos outros figurantes, e mostra um nível de execução escultórica superior ao das suas vizinhas.

No lado esquerdo de quem entra, expõem-se duas cenas relacionadas com a sua lenda e a sua “conversão” franciscana. Em primeiro lugar, num recanto, a representação secundária de um milagre que não consegui identificar. De seguida, o que parece ser a pregação dos futuros cinco mártires de Marrocos perante um conjunto de oito mouros, um dos quais já convertido e ajoelhado perante a custódia do Santíssimo Sacramento. Lembrem-se que foi o exemplo da actividade missionária destes frades menores e do seu martírio que levou António a querer ingressar na ordem de São Francisco, impondo como condição para a concretização desta decisão ser enviado também para o Norte de África.

No lado direito, depois de outra cena de milagre não identificada, situada igualmente num recanto, mostra-se em mais extensa composição o célebre prodígio da

³⁵ Na realidade, a escultura está assinada não só pelo seu autor, Guilherme Ferreira Thedim, mas também pelo pintor que a policromou, Alberto Barbosa. Thedim (Trofa, 1900 – 1985) foi co-autor, com o seu irmão José Ferreira Thedim, da imagem de Nossa Senhora de Fátima venerada na “*capelinha das aparições*” do santuário da Cova da Iria. Teve oficina aberta em Santa Cruz do Bispo, Matosinhos, a partir de 1930 – localidade que aparece mencionada junto da sua assinatura na peça castelovidense. O pintor, bracarense, foi também o autor da policromia da Virgem venerada no concelho de Ourém.

bilocação, em que Fernando de Bulhões surgiu miraculosamente em Portugal, estando a celebrar missa em Itália. Tal aconteceu, segundo a lenda, para salvar o pai de uma condenação à morte por assassinato, conseguindo perante os juízes a ressurreição da vítima, que prontamente declarou ser outro o criminoso.

Finalmente, sob a banqueta do altar, encontra-se a representação de uma cidade muralhada situada sobre um monte rochoso. No sopé da montanha, vê-se uma gruta, sobre a qual se esculpiu uma espessa nuvem onde brincam anjos e querubins. Trata-se certamente de Belém da Judeia e constituiria o cenário de um presépio, cujas figuras se perderam. Esta cena não é estranha ao contexto, pois recorda o papel dos franciscanos, nomeadamente do seu fundador, na difusão da devoção à humanidade de Jesus e ao seu nascimento.

Se tivermos em conta a indumentária de várias figuras presentes no conjunto e alguns maneirismos estilísticos adoptados na sua modelação, podemos colocar a execução deste trabalho na segunda metade do século XVIII.

O tema do trânsito e da glorificação de um santo é comum na pintura do barroco³⁶. Na escultura não é tão habitual, fora do âmbito dos ciclos iconográficos dedicados a Cristo e à Virgem Maria, de que há exemplos por essa Europa fora desde o século XV. Há, contudo, paralelos no nosso país que parecem ter influenciado este trabalho. Os mais importantes são ambos de finais do século XVII e mostram um nível de execução superior. Um deles, o mais conhecido, encontra-se no transepto da igreja abacial de Alcobaça – e mostra a morte de São Bernardo, acolhido no Céu por Nossa Senhora acompanhada por uma pequena multidão de anjos músicos e de querubins. O outro, quase ignorado, situa-se num oratório interior do convento de São Pedro de Alcântara, em Lisboa, e mostra-nos um conjunto de frades menores capuchos a chorar a morte de São Francisco de Assis; são esculturas que se destacam por um realismo intenso e pela capacidade de penetração psicológica da dor humana. Bem mais modestas na sua capacidade técnica e compositiva, mas ainda assim belas e eficazes, as esculturas da capela portalegrense devem ser colocadas no âmbito da importante produção oficial de esculturas em barro nos conventos ou para os conventos da Estreita Observância menorita. Revelam, ainda assim, uma mestria muito superior a uma sequela do conjunto que tenho vindo a apresentar, instalada numa capela anexa ao nártex do antigo convento de Santo António de Tavira. Mantém uma estrutura próxima do tríptico, sendo a morte do taumaturgo ladeada pelo “*milagre da mula*” e pela “*salvação do pai da forca*”. O número de figuras e cenas é contudo menor e, sobretudo, patenteia um trabalho escultórico muito mais fruste (cf. Lameira, 1990: 518 a 523).

As esculturas portalegrenses – que precisam de urgente restauro e valorização, para serem salvas do abandono a que estão votadas – têm quando a mim uma vantagem sobre as suas congéneres. Permitem uma leitura iconográfica mais rica, com nuances que decerto presidiram às intenções da comunidade encomendante. Este autêntico políptico, distribuído pelo espaço da exígua capela (que se destinaria muito provavelmente à veneração e doutrinação pela imagem dos leigos que visitavam o convento e ingressariam na sua igreja, depois de terem subido a escadaria do “sacro monte”), torna possíveis duas leituras complementares.

Na vertical, vislumbramos um percurso iniciático, ascensional, que coloca a morte de Santo António de Lisboa entre a natividade de Jesus e a glória celestial na companhia de Jesus Cristo e de Maria. Apresenta o falecimento como o ponto intermédio, como passagem, entre o nascimento e a vida eterna no Paraíso.

Na horizontal, temos cenas que justificam a centralidade e a exemplaridade da figura de Fernando de Bulhões no panteão do Cristianismo. De um lado, os “*mártires de*

³⁶ Entre os painéis de azulejo setecentistas que revestem as paredes da profanada igreja do convento de Nossa Senhora da Conceição, das Bernardas, em Portalegre, há por exemplo dois quadros que representam a morte de São Bento e o trânsito de São Bernardo.

Marrocos” mostram os alicerces da sua “conversão” franciscana, concretizados em imagens que apontam para a pregação, para a devoção eucarística (tão sublinhada nos escritos de São Francisco de Assis) e implicitamente para o testemunho dado no martírio concretizado ou desejado. Do outro, as suas capacidades taumatúrgicas, surgem, metonimicamente, na exibição de um dos seus milagres mais conhecidos, aquele em que ao mesmo tempo se revela um dos fundamentos da sua acção e da sua palavra como teólogo e pregador (a justiça humana e divina) e se evidenciam os seus poderes mais extraordinários (a bilocação e a capacidade de ressuscitar os mortos).

Conclusões

Na região de Portalegre, como em todo o país, a veneração e a devoção a Santo António de Lisboa cruza duas dimensões distintas mas complementares. De um lado, um conjunto de práticas culturais e festivas, com maior ou menor integração nos ritmos e nos rituais da Igreja, que conferiram ao frade lisboeta múltiplos atributos e capacidades variadas, radicados tanto nalguns passos da sua biografia e da sua legenda quanto na apropriação de características vindas de outras personagens do panteão do Cristianismo, nomeadamente de Santo Antão do Deserto. Do outro, uma prática integrativa promovida pelo clero que, de algum modo, procurou purificar e instrumentalizar a figura do santo em função de uma estrutura ideológica e teológica mais erudita.

Estas duas dimensões parecem ter convivido pacificamente na região. Introduzida a veneração ao franciscano lisboeta em finais da Idade Média, ela foi propagada sobretudo a partir do Concílio de Trento e da presença na região dos frades capuchos. A integração na piedade popular dos residentes em Castelo de Vide, Marvão e Portalegre deu, assim, origem a multiplicidade de manifestações intangíveis e de obras de arte, que foram espelhando tanto a vida quanto a legenda de António, tanto a sua face institucional quanto aquela, mais dulcificada, que foi moldada e adoptada pelos crentes. A devoção a Santo António tem-se mantido com alguma vitalidade porque esse equilíbrio nunca foi, até ao momento, posto em causa.

Vila Nogueira de Azeitão, Julho / Setembro de 2012

BIBLIOGRAFIA

- Alves, Tarsício (ed.) (1999) – *Constituições Sinodais de D. Frei Amador Arrais (1589)*. Cucujães, Cabido da Sé de Portalegre.
- Caeiro, Francisco da Gama (1996) – “Santo António de Lisboa – uma leitura para o nosso tempo”. I – II *Seminário, O Franciscanismo em Portugal – Actas*, s/1, Fundação Oriente: 45 – 55.
- Carvalho, Maria João Vilhena de (coord.) (2000) – *O Sentido das Imagens – escultura e arte em Portugal [1300 – 1500]*. Lisboa, Instituto Português de Museus.
- Dinis, Beatriz Susana Baptista (2011) – *Convento de Santo António de Portalegre – uma proposta de valorização*. Dissertação de mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultura, apresentada à Universidade de Évora [policopiado].
- Espírito Santo, Moisés (1988) – *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa seguido de Ensaio sobre Toponímia Antiga*. Lisboa, Assírio & Alvim.
- Ganho, Maria de Lourdes Sirgado (1999) – “A espiritualidade de Santo António na piedade popular”. *Actas do Colóquio Internacional “Piedade Popular, Sociabilidades, Representações,*

- Espiritualidades*”, Lisboa, Terramar / Centro de História da Cultura e História das Ideias da Universidade Nova de Lisboa: 57 – 60.
- Gordo, João António (2004) – *No Alto Alentejo, crónicas e narrativas*. Lousã, Grupo de Amigos de Castelo de Vide.
- Lameira, Francisco I. C. (1990) – *Inventário Artístico do Algarve – A Talha e a Imaginária – Concelho de Tavira*. Faro, Secretaria de Estado da Cultura – Delegação Regional do Sul.
- Lucas, Maria Clara de Almeida (ed.) (1988) – *Ho Flos Sanctorum em Lingoage: os Santos Extravagantes*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Machado, J. Liberata & Gorjão, Sérgio (1993) – “O actual concelho de Marvão e suas freguesias nas Memórias Paroquiais de 1758”. *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, n.º. 3: 51 – 83.
- Martins, Anacleto Pires da Silva (1983) – “Santo António, padroeiro ou patrono principal da cidade de Portalegre e diocese”. *O Distrito de Portalegre*, n.º. 5838, de 8 de Julho (reproduzido em Martins, 2008: 92 – 94).
- Martins, Anacleto Pires da Silva (1997) – *O Cabido da Sé de Portalegre – Achegas para a sua história*. Portalegre, Cabido da Sé de Portalegre.
- Martins, Anacleto Pires da Silva (1997a) – *Sumária Notícia sobre os Bispos de Portalegre e de Castelo Branco*. Águeda, Cabido da Sé de Portalegre.
- Martins, Anacleto Pires da Silva (2008) – *Portalegre, Castelo Branco – Património, Pessoas, Casos*. Portalegre, Cabido da Sé de Portalegre.
- Moreira, António Montes (1996) – “Implantação e desenvolvimento da Ordem Franciscana em Portugal, séculos XIII – XVII”. *I – II Seminário, O Franciscanismo em Portugal – Actas*, s/l, Fundação Oriente: 13 – 27.
- Moreira, Domingos A. (1999) – “Piedade popular e catolicismo (algumas perspectivas de confronto)”. *Actas do Colóquio Internacional “Piedade Popular, Sociabilidades, Representações, Espiritualidades”*, Lisboa, Terramar / Centro de História da Cultura e História das Ideias da Universidade Nova de Lisboa: 365 – 370.
- Morujó, António (1999) – “António, mediador entre Portugal e o mundo”. *Os Génios do Cristianismo*, de Henri Tincq, Lisboa, Gradiva / Público: 87 – 95.
- Oliveira, Jorge de (s/d) – *Sobre as origens de Santo António das Areias*. Disponível em <http://www.cm-marvao.pt/camara/freguesias/SAAreias.htm> (consultado em Setembro de 2012).
- Patrão, José Dias Heitor (1995) – “‘Encontrada’ pintura do primitivo altar de S. António na Sé de Portalegre”. *O Distrito de Portalegre*, de 30 de Junho.
- Patrão, José Dias Heitor (1995a) – “Ainda o altar de S. António e a sua Confraria na Sé”. *O Distrito de Portalegre*, de 8 de Setembro.
- Patrão, José Dias Heitor ([2002]) – *Portalegre – Fundação da Cidade e do Bispado, Levantamento e progresso da Catedral*. Lisboa, Edições Colibri.
- Pereira, Paulo (2005) – *Lugares Mágicos de Portugal – Espírito da Terra*. Rio de Mouro, Círculo de Leitores.
- Pimentel, Alberto (s/d) – *Viagens à Roda do Código Administrativo*. Lisboa, Empresa Litteraria de Lisboa [excerto reproduzido no suplemento cultural *Fanal*, do jornal *O Distrito de Portalegre*, publicado em 4 de Julho de 2003].
- Réau, Louis (1959) – *Iconographie de l’ Art Chrétien*. Paris, PUF (vol. I).
- Rema, Henrique Pinto (1996) – “Afinidades Espirituais entre São Francisco de Assis e Santo António de Lisboa”. *I – II Seminário, O Franciscanismo em Portugal – Actas*, s/l, Fundação Oriente: 57 – 76.
- S/A (2005) – *25 Anos ao serviço de Portalegre*. Vila Viçosa, Confraria de Santo António – Pró-Portalegre.
- Salgueiro, Maria de Fátima (2011) – *Escusa – Tradições, usos e costumes*. Lisboa, Edições Colibri / Câmara Municipal de Marvão.

- Serrão, Vítor (1974) – “Pintura popular – do interesse do seu estudo em História de Arte”. *Diário de Lisboa*, de 27 de Junho (reproduzido em Serrão, 1989: 125 – 130).
- Serrão, Vítor (1989) – *Estudos de Pintura Maneirista e Barroca*. Lisboa, Editorial Caminho.
- Simonet, Francisco Javier (ed.) (1871) – *Santoral Hispano-Mozárabe escrito en 961 por Rabi Ben Zaid, Obispo de Iliberis*. Madrid, Tipografía de Pascual Conesa.
- Sotto Maior, Diogo Pereira (1984) – *Tratado da Cidade de Portalegre*. Introdução, leitura e notas de Leonel Cardoso Martins, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda / Câmara Municipal de Portalegre [original de 1619].
- Trindade, Diamantino Sanches (1989) – *Castelo de Vide – Arquitectura Religiosa*. (2ª edição), Póvoa de Santo Adrião, Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- Valdemar, António & alii (coord.) (2000) – *Inventário Artístico de Portugal (Aveiro, Beja, Coimbra, Évora, Leiria, Portalegre, Porto, Santarém)*. Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes [conjunto de três cd-roms].
- Ventura, Ruy (1995) – “As Memórias Paroquiais de 1758 do actual Concelho de Portalegre”. *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, n.º. 10, nova série: 93 – 136.
- Ventura, Ruy (2012) – “Miles Christi, Alter Christus – São Sebastião numa escultura venerada no Alto Alentejo”. *Invenire – Revista de Bens Culturais da Igreja*, n.º. 5: 38 – 42.

Agradecimentos: Este artigo não teria sido escrito sem os contributos, directos ou indirectos, de Beatriz Dinis, Felicidade Ventura, Francisco Galão, Francisco Sepúlveda Teixeira, Isabel Dâmaso Santos, Jorge de Oliveira, José Félix Duque, José Manuel Marreiros, Laura Portugal Romão, Luís Filipe Maçarico, Maria do Carmo Alexandre, Maria José Maças, Marisa Santo, Rosário Salema de Carvalho, Sónia Alves e Sónia Correia Ventura, bem como dos padres Alberto Jorge e Luís Ribeiro e dos responsáveis pelo Museu de São Roque, em Lisboa. Aqui lhes deixo expressa a minha gratidão.

IMAGENS



1 - Santo António numa escultura em madeira proveniente do convento capucho de Portalegre (finais do séc. XVI, hoje na igreja paroquial de Carreiras, Portalegre).



2 - Santo António numa escultura em pedra da igreja matriz de Alegrete, Portalegre (séc. XVI).



3 - "Milagre eucarístico",
do antigo retábulo da igreja de Santo António das Areias, Marvão (séc. XVI).



3 - Retábulo da igreja de Santo António da Ribeira, em Castelo de Vide (inícios do séc. XVIII)

(foto de Francisco Galão).



5 - Um dos painéis de azulejo do convento franciscano de Castelo de Vide, representando Santo António a salvar o pai de uma condenação à morte (séc. XVIII).



4 - Escultura em barro na fachada da antiga igreja do convento capucho de Portalegre (séc. XVIII)
(foto de Emílio Moitas).



5 - Parte central do conjunto escultórico do convento capucho de Portalegre, representando o trânsito de Santo António (séc. XVIII).